



PROJETO MÀRÌWÒ: EXPERIÊNCIAS COM A CAPOEIRA ANGOLA NO AMBIENTE ESCOLAR COMO PRÁTICA DECOLONIAL

Giovanna Santos Barreto

Universidade Estadual de Goiás - UEG

Igor Felipe Dantas e Lemes

Universidade Estadual de Goiás - UEG

João Pedro Miranda Silva

Universidade Estadual de Goiás - UEG

Júlio César Apolinário Maia

Universidade Estadual de Goiás - UEG

369

RESUMO

O texto apresenta o Projeto Mârìwò, idealizado na Universidade Estadual de Goiás - Unidade Universitária de Itumbiara, que leva a Capoeira Angola para dentro de escolas públicas como ferramenta de ensino que problematiza o colonialismo. A proposta busca valorizar a cultura afro-brasileira, combater o racismo estrutural e promover a formação crítica de estudantes de Educação Física. O projeto se baseia em ideias como pedagogia decolonial, corporeidade e ancestralidade, unindo a prática da capoeira com discussões sobre identidade, racismo e resistência. São realizadas oficinas corporais e musicais ligadas à capoeira, além de rodas de conversa e debates, que têm sido muito bem recebidos nas escolas. Os resultados mostram que o projeto ajuda a fortalecer a identidade cultural, a mudar a forma como os professores ensinam e a dar mais voz aos estudantes. Essa iniciativa reforça a importância da universidade pública na criação de conhecimentos diversos e no combate às desigualdades raciais.

PALAVRAS-CHAVE: Capoeira Angola. Educação decolonial. Cultura afro-brasileira. Extensão universitária. Práticas pedagógicas críticas.

INTRODUÇÃO

O presente relato de experiência tem como ponto de partida o Projeto de Extensão “Mârìwò: Capoeira Angola na promoção e defesa da cultura corporal afro-brasileira”, desenvolvido pela Universidade Estadual de Goiás (UEG) - Unidade Universitária de Itumbiara, vinculado ao curso de Educação Física. O projeto foi concebido a partir da necessidade de romper com as práticas pedagógicas hegemônicas que historicamente marginalizaram os saberes e práticas das culturas afro-brasileiras nos ambientes formais de ensino, particularmente nas escolas públicas. Com base em uma perspectiva decolonial e antirracista, o projeto busca legitimar a Capoeira Angola

como prática educativa, reconhecendo sua potência enquanto expressão cultural, política e epistemológica da diáspora africana.

A Capoeira Angola, enquanto manifestação cultural, política e educativa, carrega em si uma densa complexidade histórica e simbólica. Originada no contexto da diáspora africana, como forma de resistência à escravidão e à opressão colonial, a capoeira desenvolveu-se como um sistema de autodefesa disfarçado de dança, música e ritual, incorporando elementos de ancestralidade africana que até hoje sobrevivem e se reinventam nas periferias urbanas, nos terreiros, nas rodas e nas escolas (Assunção, 2005). Ao longo dos séculos, foi marginalizada, criminalizada e folclorizada, sendo reduzida, muitas vezes, a espetáculo ou atração turística, em detrimento de sua riqueza simbólica e educativa.

A escolha da Capoeira Angola como eixo estruturante do projeto se justifica pelo seu potencial pedagógico de articular corpo, movimento, música, oralidade, história e resistência em uma única prática. Mais que um “esporte”, a Capoeira é um campo de produção de sentido e subjetividade, operando como tecnologia social de sobrevivência e emancipação. Essa dimensão torna-se ainda mais potente quando inserida no contexto escolar, tradicionalmente pautado em lógicas disciplinadoras, normativas e eurocêntricas. Assim, a proposta parte do entendimento de que a Capoeira Angola é um saber ancestral, vivo e político, cuja inclusão na escola representa uma ruptura com o paradigma monocultural dominante.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O campo da Educação Física, ao longo de sua história no Brasil, passou por diferentes abordagens pedagógicas, ora fortemente marcadas por ideologias higienistas, militaristas e esportivistas, ora por tentativas de democratização e crítica ao modelo dominante (Kunz, 2016). Ainda assim, observa-se uma persistente resistência à valorização de práticas corporais negras, seja pela sua origem, estética ou filosofia. Inserir a Capoeira Angola na escola é, portanto, um gesto de ruptura e de insurgência que visa contribuir para uma pedagogia mais crítica, plural e comprometida com a transformação social.

Essa abordagem encontra respaldo teórico na concepção decolonial do conhecimento, que propõe a superação da monocultura do saber científico ocidental e a valorização de outras epistemologias - plurais, periféricas e ancestrais (Santos, 2006). A colonialidade do saber se refere à permanência de hierarquias epistêmicas que relem ao segundo plano os conhecimentos

produzidos fora do eixo Europa-Estados Unidos. No Brasil, esse processo se traduz na invisibilização das contribuições africanas e afro-brasileiras na construção do conhecimento.

No contexto brasileiro, essas dinâmicas se materializam de forma contundente no sistema educacional, que frequentemente ignora ou minimiza a contribuição dos povos africanos e indígenas na construção da cultura nacional. O Projeto Mârìwò se propõe a preencher parte desse vazio, com uma abordagem que combina vivência corporal, reflexão crítica e atuação extensionista.

Nesse sentido, o Projeto Mârìwò não apenas responde a uma demanda legal e curricular, mas sobretudo ética, social e política. Ele se articula com uma concepção de educação que busca a integralidade dos sujeitos e a construção de um espaço escolar plural, inclusivo e justo. A escolha da escola como lócus de intervenção não é aleatória: trata-se de um espaço onde se forjam identidades, se perpetuam exclusões, mas também onde se constroem possibilidades de resistência e transformação.

Além disso, o projeto se ancora nos princípios da extensão universitária enquanto prática dialógica entre universidade e sociedade. A extensão, neste contexto, não é entendida como mera ação assistencialista, mas como produção conjunta de conhecimento, articulando ensino, pesquisa e vivência comunitária. A participação de estudantes de graduação como protagonistas no processo formativo contribui para a superação do modelo bancário de ensino, ao mesmo tempo em que aproxima o ensino superior das reais necessidades e desafios da educação básica.

Com base nessas premissas, o Projeto Mârìwò se estrutura como uma ação de enfrentamento ao racismo estrutural, à negação da história afro-brasileira e à invisibilidade dos corpos e saberes negros nas escolas. Ele propõe uma prática pedagógica decolonial que, ao valorizar a Capoeira Angola, reivindica o direito à memória, à ancestralidade e à diferença. Trata-se, assim, de um projeto que não apenas atua sobre o presente, mas que convoca os sujeitos a reimaginar futuros possíveis, onde o conhecimento seja diverso, enraizado e libertador.

EXTENSÃO E IMPLICAÇÕES PEDAGÓGICAS

A Capoeira Angola foi oficialmente reconhecida como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade pela UNESCO em 2014, o que reafirma sua relevância não apenas como manifestação cultural, mas como expressão viva de resistência histórica dos povos afrodescendentes. Entretanto, apesar desse reconhecimento internacional, sua presença nos espaços escolares e acadêmicos ainda é incipiente, sendo frequentemente tratada como conteúdo

folclórico ou extracurricular. Este descompasso revela a persistência de uma educação monocultural, que naturaliza a exclusão e reforça epistemologias coloniais.

Ao resgatar a Capoeira Angola como prática pedagógica, o projeto também dialoga com os conceitos de corporeidade e oralitura, tão caros à tradição africana, onde o corpo e a palavra caminham juntos na transmissão de saberes. Essa perspectiva é evidenciada por autores como Muniz Sodré (2002), ao afirmar que a experiência africana de conhecimento está enraizada no corpo, no ritmo, no gesto e na coletividade - dimensões ausentes ou minimizadas na lógica eurocêntrica de ensino-aprendizagem. A capoeira, então, surge como linguagem pedagógica completa, pois articula estética, ética, história e espiritualidade.

Para além de uma proposta de ensino de conteúdo, a ação extensionista assume o papel de mediação cultural e política, promovendo o encontro entre diferentes saberes, realidades e experiências. Nesse processo, os estudantes da licenciatura em Educação Física exercem protagonismo, não apenas como aplicadores de oficinas, mas como agentes reflexivos e críticos da sua própria formação. A atuação nas escolas públicas permite que esses futuros docentes desconstruam visões estigmatizadas sobre a cultura afro-brasileira e se reconheçam como sujeitos ativos de transformação curricular.

É importante destacar que as escolas envolvidas no projeto se localizam em bairros periféricos e atendem majoritariamente a uma população negra e de baixa renda. Ao inserir a Capoeira Angola nesses espaços, o projeto não apenas reconhece as identidades dos alunos como legítimas, mas promove um reencontro com a ancestralidade muitas vezes negada ou silenciada. Como pontua bell hooks (2013), a educação deve ser um ato de liberdade, e isso só é possível quando os sujeitos se veem refletidos no conteúdo e nas práticas pedagógicas.

Fanon (2008) já alertava sobre os impactos psíquicos e simbólicos da negação da cultura negra nos processos educativos coloniais. Ao não reconhecer o valor dos saberes afro-brasileiros, a escola reforça mecanismos de exclusão e inferiorização. Portanto, o Projeto M̀ariwò se apresenta como uma proposta de reumanização, ao devolver às crianças e jovens negros a centralidade de sua cultura e história como referência pedagógica. Ao vivenciar a Capoeira Angola em sua totalidade - o jogo, a música, os rituais, a coletividade - os sujeitos escolares experimentam a potência do corpo como território político e ancestral.

Além disso, a musicalidade da capoeira, marcada por cantos de origem bantu e iorubá, berimbaus e atabaques, oferece um universo simbólico potente de pertencimento, memórias coletivas e espiritualidade. Trabalhar esses elementos na escola requer não apenas técnica, mas

sensibilidade pedagógica e respeito às cosmologias africanas. Nesse ponto, o projeto adota uma pedagogia da escuta e da circularidade, onde o conhecimento é construído coletivamente e os saberes dos participantes são valorizados como ponto de partida para o processo formativo.

Dessa forma, a introdução da Capoeira Angola nas escolas ultrapassa a dimensão esportiva ou de performance, configurando-se como uma prática política de resistência e transformação. Em um momento histórico em que se observa o crescimento de discursos racistas, negacionistas e autoritários, afirmar a cultura afro-brasileira como eixo formativo é um ato revolucionário.

Por fim, a escolha da universidade pública como incubadora deste projeto reafirma o seu papel estratégico na democratização do conhecimento e no enfrentamento das desigualdades históricas. A extensão universitária, ao romper com a lógica verticalizada da produção científica, oferece um caminho fecundo para a criação de práticas educativas mais democráticas, plurais e enraizadas nas realidades locais. É nesse entrelaçamento entre universidade, escola e comunidade que o Projeto Mâriwò encontra seu sentido mais profundo: reexistir, resistir e transformar.

EXPERIÊNCIAS E CONSIDERAÇÕES

A experiência ocorreu em escolas públicas da rede municipal e estadual de Itumbiara-GO, durante o contraturno escolar, sendo essas escolas simultaneamente campos de estágio para os acadêmicos de Educação Física. Sob a orientação docente, os discentes atuaram como monitores e multiplicadores das práticas corporais e musicais da Capoeira Angola, promovendo, conforme ilustram figuras 1 e 2, oficinas semanais que intercalavam vivências práticas e discussões teóricas.

Imagens 1 e 2 – Oficinas de Capoeira Angola em escolas públicas da cidade Itumbiara-GO.



Fonte: Acervo do Projeto Mâriwò, maio, 2025.

A metodologia adotada compreendeu: (1) Treinamentos formativos na universidade, voltados à preparação técnica, histórica e pedagógica dos acadêmicos; (2) Oficinas práticas nas escolas, envolvendo movimentos da Capoeira Angola, rodas de capoeira e manuseio de instrumentos tradicionais como o berimbau, atabaque, agogô, pandeiro e reco-reco; (3) Momentos de reflexão crítica sobre racismo estrutural, ancestralidade africana, corporeidade negra e identidade cultural, conduzidos em parceria com professores e alunos.

Os resultados obtidos foram multifacetados, contemplando dimensões objetivas e subjetivas. No plano objetivo, destaca-se a efetivação de oficinas semanais em escolas da rede pública, a receptividade positiva por parte de gestores escolares e o crescente interesse dos estudantes em participar das atividades.

Subjetivamente, a experiência promoveu a valorização da identidade afro-brasileira e a compreensão da Capoeira Angola para as crianças, o fortalecimento do protagonismo estudantil e a ampliação da consciência crítica acerca das desigualdades raciais. Para os acadêmicos de Educação Física, o projeto significou uma oportunidade ímpar de vivenciar uma prática pedagógica alinhada à justiça social e à educação antirracista.

O Projeto M̀ariwò demonstra, na prática, o potencial transformador das ações de extensão universitária quando guiadas por um compromisso ético-político com a decolonialidade, com o enfrentamento do racismo estrutural e com a promoção de uma educação plural. A Capoeira Angola, enquanto expressão da cultura corporal negra, revela-se não apenas como ferramenta de ensino, mas como prática educativa integral, promotora de cidadania, resistência e identidade.

A institucionalização de projetos como o M̀ariwò nos cursos de Educação Física é urgente, pois permite resgatar memórias coletivas, garantir o direito à diversidade cultural e consolidar práticas pedagógicas libertadoras. Em tempos de retrocessos nos direitos sociais e educacionais, iniciativas que dialogam com os saberes ancestrais e combatem as desigualdades raciais se tornam não apenas relevantes, mas indispensáveis.

REFERÊNCIAS

ASSUNÇÃO, M. R. **Capoeira**: The history of an afro-brazilian martial art. London: Routledge, 2005.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. 15. ed. Salvador: EDUFBA, 2008.

hooks, b. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.



KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. 8. ed. Ijuí: Unijuí, 2016.

SANTOS, B. S. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

SODRÉ, M. **Reinventando a cultura: a comunicação e seus produtos**. Petrópolis: Vozes, 2002.